Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

ENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO DO/NO VALE DO ITAJAÍ: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁTICA EMPREENDEDORA INDÍGENA.

Autor[1] Jaison Ademir Sevegnani
Coautor[2] Lilian Blanck de Olivera
Coautor[3] Oklinger Mantovaneli Junior

.

Resumo: Empreender é assunto recorrente em discussões e projetos sobre o desenvolver em território brasileiro. O empreender eurocêntrico, um dos impulsionadores do processo colonizador europeu excluiu, destruiu saberes, tecnologias ancestrais, culturas e vidas de povos originários. O Vale do Itajaí, colonizado por europeus é descrito e conhecido como um território empreendedor diferenciado. Seus efeitos impactaram o meio de vida do povo Laklãnõ/Xokleng (LX), habitante originário deste território. Sua vida secular de harmonia com a natureza, passou a ser de resistência e adaptação ao desenvolver eurocêntrico. Atualmente o povo LX resiste e empreende coletivamente com valores permeados por forças ancestrais. Esta comunicação busca identificar na vida e concepções de trabalho contemporâneo LX, possibilidades de/para uma prática empreendedora indígena. De caráter exploratório, bibliográfico e social (visita dialogada) o estudo sinaliza, que o empreender indígena é motivado por necessidades específicas numa relação de vida e trabalho inspirado nas suas tradições, culturas, identidades e ancestralidades, como formas de sobrevivência econômica e resistência frente aos desafios hodiernos.

Palavras-chave: (Empreender, Laklãnõ/Xokleng, Desenvolvimento Regional)

[1] UDESC, Ibirama SC, Brasil. jaison.sevegnani@udesc.br

[2] FURB, Blumenau SC, Brasil. lilianblanck@furb.br

[3] FURB, Blumenau SC, Brasil. oklinger@furb.br

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

INVOLVEMENT AND DEVELOPMENT IN THE ITAJAÍ VALLEY: CHALLENGES AND POSSIBILITIES FOR AN INDIGENOUS ENTREPRENEURIAL PRACTICE.

Autor[4] Jaison Ademir Sevegnani
Coautor[5] Lilian Blanck de Olivera
Coautor[6] Oklinger Mantovaneli Junior

Abstract:. Entrepreneurship is a recurring theme in discussions and projects about development in Brazil. Eurocentric entrepreneurship, one of the driving forces behind the European colonizing process, excluded and destroyed the knowledge, ancestral technologies, cultures and lives of native peoples. The Itajaí Valley, colonized by Europeans, is described and known as a distinctive entrepreneurial territory. Its effects have had an impact on the way of life of the Laklãnõ/Xokleng (LX) people, the original inhabitants of this territory. Their secular life of harmony with nature became one of resistance and adaptation to Eurocentric development. Today, the LX people resist and collectively undertake with values permeated by ancestral forces. This paper seeks to identify in contemporary LX life and conceptions of work, possibilities of/for an indigenous entrepreneurial practice. Exploratory, bibliographical and social in nature (a dialogical visit), the study shows that indigenous entrepreneurship is motivated by specific needs in a relationship of life and work inspired by their traditions, cultures, identities and ancestry, as forms of economic survival and resistance in the face of modern challenges.

Keywords: (Entrepreneurship, Laklãnõ/Xokleng, Regional Development)

[1] UDESC, Ibirama SC, Brasil. Jaison.sevegnani@udesc.br

[2] FURB, Blumenau SC, Brasil. lilianblanck@furb.br

[3] FURB, Blumenau SC, Brasil. oklinger@furb.br

1 Introdução

As Américas se constituíram a partir de um processo de colonização europeia, que resultou na globalização e hegemonia da cultura ocidental, sobrepondo-se às culturas dos povos originários (DALMOLIN, 2003). A imposição sistemática de um padrão de poder mundial baseado na construção da ideia de "raça" advogava e tinha os europeus como seres superiores aos demais no mundo (BENTO,2018).

Com a chegada de portugueses e espanhóis no século XV, mudanças drásticas aconteceram ao modo de vida dos povos originários na Américas, e o Brasil fez parte desta realidade.

> À época da chegada dos portugueses, o Brasil possuía uma população indígena calculada em 4 a 6 milhões de indivíduos. Esta população era dividida em diferentes povos, que tinham uma larga experiência em relação a natureza. A presença desses contingentes no litoral sul do Brasil remontava a cerca de cinco mil anos. Na região dos rios Paraná/Uruguai, esta ocupação era mais antiga, chegando a oito mil anos. O litoral era domínio dos tupi--guarani. No interior, outros grupos tinham seus territórios tradicionais (Santos,2003, pág. 4).

A construção histórica da colonização do Vale do Itajaí se deu a partir dos interesses políticos, econômicos e/ou culturais de seus mentores seguindo o padrão das Américas com a imigração de europeus. Esses largaram suas vidas na Europa atrás de um lugar onde pudessem realizar seus sonhos deixando seu território, família e cultura de origem, sob promessas de fartura e progresso no labor em terras devolutas, que seriam suas mediante contrato e pagamento (Seyferth,2011).

> O que antes era um projeto de nova Heimat para alemães protestantes, criticado com veemência pela igreja católica, agora recebia não só alemães católicos, mas também gente de outras nacionalidades. Manteve-se, porém, o epíteto de 'colônias alemãs' (Seyferth,2011, p.4)

Ao chegar na colônia a verdade era outra, o território devoluto não existia, há milênios aqui habitavam povos indígenas. Passaram então a ocupar o território do Outro - do povo Laklanõ/Xokleng (LX), lhes causando grandes sofrimentos os forçando a buscar novos territórios e/ou ser mortos pelo Governo Imperial e Republicano, os mesmos que atraíram os colonos europeus (Fontoura,2021). A relação entre povo originário e colonos europeus foi inimizada pelo governo desde sempre, uma relação de cooperação e convivência não era uma opção.

Neste contexto de conflitos e interesses governamentais, a Colônia Blumenau foi fundada em 1850, no mesmo ano da Lei das Terras em 1850 (Seyferth,2011). Com a Lei das Terras, a terra antes tida como um bem comum virou mercadoria, foi coisificada e as pessoas imigrantes e originários da terra segmentadas em "espécies diferentes" colocadas em perspectivas opostas, devido aos interesses e políticas do Governo Imperial e Republicano. Buscaram trabalhadores europeus, como uma proposta de padrão hegemônico a colonizar o Vale do Itajaí, visando atender a política de branqueamento e necessidade de mão de obra qualificada, não encontrada nos indígenas ou escravizados africanos (Seyferth,2011). O modo de vida há milênios por séculos no Vale LX mudou e outras culturas foram impostas ao povo originário, buscando excluir, restringir e anular o seu modo de ser, estar e viver.

A vida do imigrante, agora nominado de colono, atrelou um movimento incessante - o trabalho árduo e sistemático para a sua sobrevivência, haja visto que retornar a sua pátria já não era algo possível à maioria, devido as dívidas contraídas e os próprios custos de uma viagem além mar (Seyferth,2011).

Esta comunicação integra a linha de pesquisa Estado, Sociedade e Desenvolvimento do Território, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Grupos de Pesquisa Ethos, Desenvolvimento e Alteridade (GPEAD) e Núcleo de Políticas Públicas (NPP). Objetiva identificar na vida e modos de trabalho contemporâneo do povo LX, buscando visualizar possibilidades de/para uma prática empreendedora indígena. Resulta de um estudo bibliográfico e social – visita dialogada na Terra indígena Ibirama Laklãnõ (TIIL), com o Sr. Hélio Cuzum Farias, coordenador desde 2022 da Trilha Sapopema. O diálogo aconteceu aos 18 de novembro de 2023 junto de sua família na comunidade Bugio, com um almoço tradicional. A conversa foi transcrita e revisada por ele, sendo autorizado sua contribuição na elaboração deste artigo.

2 O Clã do Sol e seus desafios

O povo LX originário do Vale do Itajaí violentamente e reiteradamente vezes perseguido, vitimizado, discriminado, exotizado e invisibilizado, resiste por meio de diversas lutas na busca por autonomia e dignidade (Bento,2018; Fontoura,2021).

> [...] incialmente nomeados de botocudos devido ao uso de botoques nos lábios, depois pejorativamente de bugres e por último de Xoklengs/Xokrens, que em sua língua pode significar aranha ou taipa de pedra, contudo nos últimos anos passaram a se autodenominar Laklanõ, "os descendentes do sol" ou o "clã do sol" (Campos; Gakran,2021, p.3).

O Povo LX detentor de uma história e cultura milenar (6 mil anos), originariamente ocupava grandes extensões territoriais no Sul do Brasil. Integravam suas áreas de trânsito majoritário, o litoral e planalto catarinense, ao longo do rio

Itajaí-Açu. A região do Vale do Itajaí se apresenta como o último reduto de fuga e resistência às invasões ao território Laklãnõ/Xokleng (FONTOURA,2021).

Em 22 de setembro, 1914, depois de muitos anos de perseguição e genocídios pela política do governo Imperial e sistematicamente do governo Republicano, foram aldeados e "pacificados", sob vigilância de Eduardo Hoerhan. Iniciou se uma nova forma de vida, uma mudança drástica no seu modo de viver. Os LX foram levados a passar da condição de caçadores e coletores nômades para a situação de povo sedentário confinado numa reserva (Santos,1973; Santos,2003).

Desde o aldeamento, houve miscigenação com pessoas do povo Kaingang e europeus colonizadores. Disto resultaram inumeráveis hierarquizações internas, contribuindo em momentos de tensão, para a exacerbação do "faccionalismo" que caracteriza os povos Jê, entre eles os Xokleng (Santos,1973; Santos,2003).

As mudanças da vida cotidiana LX foram da dieta alimentar às roupas, às ferramentas, aos medicamentos industrializados, ao aprendizado de uma nova língua, às pressões religiosas, entre outras. Sofreram a perda de sua autonomia, de sua liberdade de ir e vir, sujeitando-se à tutela do Sistema de Proteção aos Índios (SPI). Demonstrando resistência, enquanto unidade étnica rememoravam diferentes aspectos de sua história e cultura tradicional, estratégias para enfrentar a pressão de uma história única e hegemônica de origem eurocêntrica (Adichie, 2019).

Depois de longo período aldeados buscando reorganizar seu modo de vida uma nova realidade os impacta e desterritorializa pela construção e instalação da Barragem Norte (BN), justificada pelo regime militar como instrumento para a contenção de enchentes que prejudicavam o desenvolvimento da população do Vale do Itajaí (Bento, 2018, Fontoura,2021).

A construção da barragem, "é um elemento que levantou e ainda mantém diversas questões envolvendo a reestruturação social, questões políticas e econômicas na Terra Indígena Ibirama" (Dagnoni,2018, pág.31).

A construção iniciada em 1972 não contemplou estudos de impactos para a TIILX, como logo puderam ser observados: famílias desabrigadas; casas inundadas e condenadas; aldeias isoladas e/ou condenadas; perda das terras férteis; cancelamento das aulas nas escolas; profissionais da saúde não conseguindo fazer o atendimento nas aldeias (Criri, 2020).

> Em muitas conversas com anciãos e sábios da comunidade, consegui perceber que a construção da Barragem Norte em 1972 afetou direto nos costumes, crenças e tradições, trazendo uma mudança drástica na vida social do povo no modo de viver da comunidade (Criri,2020 p.15).

Outro enfrentamento de todos os povos indígenas do Brasil na atualidade é a luta ao Não ao Marco Temporal. O povo LX tem protagonismo nesta luta, e coletivamente tem empreendido muito esforço, organização, dedicação e luta por seu pleno direito às suas terras ancestrais.

Em 22 de maio de 2024 foi publicada a Lei complementar 860/2024 que alterou o nome da Região Metropolitana do Vale do Itajaí para Região Metropolitana do Vale Europeu (SANTA CATARINA, 2024), outra forma de invisibilizar a identidade, presença e cultura do povo LX – povo originário e milenar do Vale do Itajaí.

3 O Empreender indígena.

Para entrar no tema, é importante aqui, buscar a epistemologia do termo empreender, suas derivações e emprego ao longo da história. O termo

empreendedorismo utilizado ao longo da humanidade em algum momento se vinculou ao capitalismo.

No dicionário o termo empreender significa “verbo transitivo direto: conseguir ou tentar fazer (algo muito difícil); tentar: empreender um trabalho excessivamente perigoso. Colocar em desenvolvimento e/ou execução; realizar: empreender tarefas; empreender passeios” (DICIO, 2024).

De acordo com Dicionário Latim Português, o significado de empreender remonta ao início do século XV, "um empreendimento", anteriormente também enterprize, do francês antigo “enterprise" “um empreendimento", substantivo uso do particípio passado feminino “entreprendre“ empreender, “tomar em mãos” (12c.), de entre "entre" + prendre "tomar", contração de “prehendere" agarrar, “agarrar" (deprae-"antes", veja pre-, + -hendere, da raiz PIE*ghend-"apreender, tomar"). O sentido abstrato de "disposição aventureira, prontidão para assumir desafios, espírito de ousadia" do final do século XV (Dicionário Latim Português,2018)

Filion (1999) buscou a conceituação do termo ao longo da história das civilizações, apontando que, para cada século, o empreendedor é descrito de forma diferente. A palavra empreendedor, entrepreneur, tem origem francesa, no século XII, sendo associada a “aquele que incentivava brigas” (Vérin, 1982 *apud* Filion, 1999, p. 18).

No século XVI, o termo descrevia uma pessoa que assumia a responsabilidade e dirigia uma ação militar. Entretanto, foi no final do século XVII e início do século XVIII que o termo foi utilizado para referir-se à pessoa que criava e conduzia projetos ou empreendimentos (Filion,1999). Para Bolton e Thompson (2000), a origem da

palavra empreendedorismo vem de 800 anos atrás, derivada do verbo francês "entreprendre", que significa fazer algo.

Não existe uma definição clara e universalmente aceita, mas a tradução literal da palavra entrepreuner significa aquele que está entre ou intermediário (Hirsrich; Peters, 2009). Empreendedor (entrepreuner) é uma palavra originalmente francesa que apareceu pela primeira vez em 1437. A definição mais comum usada na época era "celui qui entreprend quelque chose" e quer dizer aquele que se compromete com algo (Landström, 2005, p. 08).

Segundo Cunha (2004), a palavra empreender, imprehendere, tem origem no latim medieval, antes do século XV e significa tentar "empresa laboriosa e difícil", ou ainda, "pôr em execução" (p.293). Hisrich e Peters (2009) afirmam que o termo já era usado desde a Idade Média para descrever tanto a pessoa que participava quanto a que gerenciava grandes projetos de produção (construção de castelos, fortes, etc.).

Foi apenas no século XVII, que a noção de risco é associada ao empreender, pois ao financiar contratos ou realizar serviços com o governo, o empreendedor assumia certo grau de risco. (Hisrich; Peters, 2009). No século XVIII e XIX, o termo empreendedor passa a assumir um caráter mais próximo de um comerciante, alguém que assume os riscos, diferenciando-o do capitalista, que fomenta a atividade. (Hisrich; Peters, 2009).

Foi o economista Joseph Schumpeter (1883-1950) o responsável pela inserção do empreendedorismo como campo relevante de estudos e de pesquisa para a sociedade atual. Associou o tema à percepção inovadora quanto ao aproveitamento de novas oportunidades no âmbito dos negócios, de maneira a mobilizar recursos e criar novas combinações (Filion,1999). Por essa multidisciplinaridade e falta de limites

do campo de estudo, não há uma definição concisa e amplamente aceita (Filion, 1999; Cunha,2004; Hisrich; Peters,2009; Janssen,2016). Observa-se que o termo empreender é então, algo a mais do que a sua usual ligação com o capital, sendo sua origem ainda muito discutida, mas de fato, surgiu bem antes do capitalismo, e que para muitos autores deriva do francês, que deriva do Latim.

Os pesquisadores interessados no empreendedor vêm de muitas áreas de interesse e disciplinas diferentes e as definições dadas ao termo geralmente dependem das premissas dos pesquisadores (Janssen,2016). De acordo com Filion (1999, p.14), "definir o empreendedor é um desafio perpétuo, dada a ampla variedade de pontos de vista usados para estudar o fenômeno".

Do conjunto de atividades relacionadas a um trabalho que faz sentido, emerge a prática empreendedora indígena, em favor de sua sobrevivência e autonomia, reafirmando sua identidade e cultura, pois empreender os conecta com seu povo, história e forma e tempo ancestral de ser e viver. A leitura de um empreender indígena por suas mãos, no coletivo, ao pensar, desenvolver e executar atividades fazem sentido e os colocam junto de sua cultura e ancestralidade. A prática empreendedora, baseada nas tecnologias ancestrais e identidade está intrinsecamente envolvida na valorização e resgate da cultura, tradições ancestrais, sobrevivência, melhora da vida e modo coletivo de Bem Viver (Martínez, 2016).

Um coletivo indígena, que se lança a empreender com a ideia de dar continuidade a um legado familiar aplicando técnicas passadas por gerações, desenvolve uma atividade, que proporciona identidade, gratificação e realização integrando e enriquecendo as dinâmicas socioeconômicas e culturais regionais (Novelo; Mendez, 2022). O seu empreender, é um realizar que faz sentido, se integra

no modo de vida contemporâneo do povo originário e alia sua busca por autonomia, respeitando sua forma de viver.

Essa atividade não pode se configurar como um empreendimento por oportunidade, mas um empreendimento por necessidade, embora não seja apenas no sentido econômico, mas também um empreender pela identidade cultural (Novelo; Mendez, 2022). O desafio ao empreender indígena traz possibilidades aos povos originários de o fazerem respeitando seu conhecimento e sua ancestralidade praticando tecnologias ancestrais, indo contra o movimento colonial eurocêntrico, que o desqualifica como trabalhador e empreendedor (Dana; Anderson,2007).

4. O povo LX e o empreender

Historicamente no Brasil, os indígenas foram vistos como não aptos ao trabalho, néscios e indolentes. Entretanto, o trabalho sempre esteve presente nas suas culturas – sentido de ser e viver, embora diferenciado em relação aos tempos, espaços e lugares não indígenas (Antunes,2022), por isto, invisibilizado e não reconhecido pelo mundo ocidental.

O povo LX, originário de Santa Catarina, teve suas tradições, tecnologias ancestrais, cultura e população quase extintas pelos processos colonizadores eurocêntricos pós 1850 (Santos, 1973). O seu modo de vida, não era o adequado ao desenvolvimento proposto pelo/do colonizador, o modelo ideal era o eurocêntrico. Contudo, sua força, sua resistência e resiliência o trouxeram a outros tempos, preservando sua essência e buscando soluções para os problemas em relação ao 'desenvolvimento' colonizador, a partir de suas experiências, conhecimentos e identidade históricos (Cepal,2015).

O povo LX, subalternizado e excluído do desenvolvimento na região do Vale do Itajaí, vive uma luta contínua em busca por equidade e inclusão social, pois enquanto as cidades da região encontram-se "[...] em pleno desenvolvimento econômico, a comunidade é sobrevivente de um processo de colonização, que quase os exterminou, onde decisões governamentais tomadas no passado ainda repercutem atualmente" (Dagnoni, 2014, p. 37). Para Bento (2018) o Povo LX reconhece e se orgulha do seu passado, de seus ancestrais, do "índio que veio do mato", mas não quer o retorno a esse passado e sim uma vida no presente com dignidade e garantia de futuro para as novas gerações e que rompa com a visão única de um paradigma ocidental que impõe um só modo de viver (MACAS, 2014) e de desenvolvimento (SACHS, 1986)

Na atualidade, entre outras lutas e temas, os que mais preocupam a comunidade LX estão a educação, a saúde, a geração de renda e a demarcação da terra como uma garantia de que as novas gerações terão onde e como viver. Na TIIL existem projetos, que utilizam conhecimentos e tecnologias adaptados à realidade local (Bento 2018; Fernandes, 2019; Fontoura 2021).

O modo de sobrevivência no território indígena LX depende do cultivo de uma terra pouco produtiva, venda de mel, criação e venda de artesanato, criação de animais, trabalho sazonal na zona urbana, aposentadoria, bolsa família, pensão e assistência da FUNAI (Fernandes, 2019; Fontoura 2021).

Uma atividade recente é a de guia para a Trilha da Sapopema organizada por integrantes da Aldeia Bugio (Kreutz; Baumgartner,2014, Fernandes,2019, Farias, comunicação pessoal,2023). Outras trilhas com seus itinerários e atividades culturais estão sendo construídos coletivamente no interior da Terra Indígena Ibirama. Frente

às dificuldades existentes, ocorre também a migração temporária ou de longo prazo de indígenas para outras cidades, como Blumenau e Rio do Sul, onde produzem e/ou vendem artesanatos como uma forma de acesso a geração de renda de acordo com (Wartha 2018; Fernandes,2019).

"As famílias de alguma forma, buscam também renda com artesanato, dentro e fora da Aldeia, praticam agricultura de subsistência e pecuária, [...] A gente é criativo e se inspira na força dos ancestrais" (Farias, comunicação pessoal, 2023). Contudo, enfrentam muitos desafios, como a falta de uma digna acolhida e reconhecimento de sua cultura, saberes e valor, em parte ainda oriundos de um processo de discriminação e preconceito construído e amalgamado desde o início da colonização da região (Wartha, 2018).

A forma contemporânea de vida dos LX, lhes desafia constantemente a continuar o "andar do índio" (Bento,2018), assim buscam atividades que lhe embricam de alguma forma a memórias culturais, e estas podem ou não tornar se uma fonte de renda. "*A trilha e o artesanato são uma forma de trabalho, mas é algo diferente ao indígena, é uma atividade que pra nós faz sentido, tem significado*" (Farias, comunicação pessoal, 2023).

> A Trilha e a Casa de Cultura são exemplos de nossa cultura, aliados a uma oportunidade de renda. ´É um trabalho diferente, tem algo a mais, envolve nossa história, nosso jeito. Quem conhece o nosso jeito, nossa história, leva consigo uma visão contada por nós (Farias, comunicação pessoal, 2023).

Esta percepção de um trabalho diferente, embricado ao conhecimento passado, suas histórias e vivências do povo, vivas e importantes na memória e no jeito de ser LX. É uma forma de trabalho, mas vai além, pois tem significado, algo que o modelo capitalista de negócios não favorece.

> *Quanto a trilha, há organização, existe um roteiro programado, as pessoas ficam esperando os dias de trilha, pois envolve outros espaços, como o Museu Memorial e a Casa da Cultura, um fortalece o outro, crescemos juntos (Farias, comunicação pessoal, 2023).*

Para Farias (2023), a trilha atrai gente, interessado na natureza e na nossa cultura, existe mais de um motivo de vir conhecer nossa comunidade. "A ideia muda ao nos conhecer". Para um povo excluído as oportunidades de fala, interação com o Outro é contar e demonstrar como as lutas aconteceram e acontecem diariamente para sobreviver e estar próximo de sua cultura e ancestralidade. Receber visitantes é um momento de fala, se conectar com o Outro e entre eles mesmos, falar da sua realidade e da história. Interagindo em seu próprio território, o povo indígena pode sensibilizar o visitante e a visão alienada lhe é repassada historicamente.

O trabalho no Vale do Itajaí, desde a colonização foi protagonista na vida de sua gente, portanto tornou se um símbolo na/da sua forma de viver. Para Farias (2023) "[...] a nossa visão de trabalho é diferente do não indígena, nossa família sempre vem por primeiro". Este é um ponto cultural determinante, quanto a sua percepção, visão e relação com o trabalho, o que é diferente da visão eurocêntrica fundamentada no viver para o trabalho, trabalhando na maioria das vezes com algo que não lhe faça sentido. O trabalhar, do povo LX tem importância, mas representa valores e prioridades diferentes. Não há sentido o desenvolvimento sem a priorização da família.

> As atividades que remetem aos conhecimentos de nossos ancestrais, ou seja, a memória do nosso povo, é importante para o nosso povo. É um trabalho, mas uma atividade feita com alegria, estamos juntos, valorizando a nossa cultura (Farias, comunicação pessoal, 2023).
>
> .

O povo que secularmente, viveu embricado a sua família, ao coletivo, em sua ancestralidade por meio das entregas da natureza, pensar diferente de um modelo hegemônico, eurocêntrico, custa-lhes a invisibilização e a inimizade desde a chegada dos primeiros colonos até os dias correntes.

Farias (2023) comentou indignado: "Dizem que não gostamos de trabalhar, é mentira. Apenas temos outra visão do trabalho. A gente trabalha para viver, não vive para trabalhar. É outro pensamento".

Para os povos indígenas o trabalho é encarado com alegria e festa, é um fazer para o bem comunitário e para o crescimento coletivo, um grande desafio aos hábitos marcados pelo ritmo do capitalismo (Gerius, 2013).

"Engraçado, as vezes me perguntam por que não estamos vestidos como antigamente no tempo do mato. Eu devolvo a pergunta. E você, porque não está com roupa de Oktoberfest? Pensei que usavam todo dia" (Farias, comunicação pessoal, 2023).

A forma de lidar com os desafios contemporâneos trouxe o povo LX a um mundo novo, ainda assim existe muito do seu mundo, do "andar do índio" (Bento,2018), da sua ancestralidade e prioridades nas/das suas relações familiares. O resistir, o lutar, o valorizar sua cultura e ancestralidade, o trabalhar com significado, podem representar uma possibilidade do empreender indígena como uma forma de materializar sua história, cultura e desafios na atualidade regional.

5 In (Conclusões)

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

O breve estudo (pró)voca possibilidades à complexidade das relações entre o empreender indígena e os desafios históricos e hodiernos enfrentados pelos povos originários, em especial o LX - povo originário que resiste incansavelmente no Vale do Itajaí, vulgo Vale Europeu, histórico Vale LX. O processo colonizador europeu, inimizou colonos e indígenas, provocou genocídios, invisibilizou tradições e ancestralidades e privou violentamente o povo LX de seu direito a terra e seu modo de vida secular. Ainda assim o povo LX, com sua resiliência, criatividade e resistência, encontra possiblidades e alternativas de preservar sua cultura, sua sobrevivência econômica, sua luta pela autonomia e sua representatividade em outros tempos.

Nestes outros tempos, o trabalho, é um componente da vida contemporânea da comunidade LX, embora sua leitura/prática continue diferente do modelo trazido pela colonização. Há uma preocupação com suas fontes de renda. Os resultados sinalizam práticas por meio do trabalho que podem levar ao empreender em atividades que precisam fazer sentido, ter significado no processo, mas devem fazer parte da vida de forma equilibrada, devem se harmonizar com o caminhar do indígena, pois assim fornece renda ao povo, e (re) vive suas memórias, tradições e ancestralidades.

Nesse movimento, o empreender indígena constitui práticas que proporcionam renda, mas não são produtivistas e sobretudo respeitam seu tempo/espaço/lugar e/m suas relações com a natureza. É uma forma de resistência ao modelo de desenvolvimento eurocêntrico, por meio de atividades coletivas e conectadas com os conhecimentos ancestrais, para vivências em tempos contemporâneos. A prática do empreender indígena, alicerça o seu desenvolvimento

em dinâmicas socioeconômicas regionais, indo contra modelos hegemônicos e eurocêntricos protagonizando movimentos de resistência e decolonização.

Infelizmente, muito foi perdido do que já foi deste bravo povo, mas muito resiste, e muito há para ressurgir, pois possuem força no coletivo para vencer suas lutas diárias. O empreender indígena respeita o seu jeito de ser e pode ser uma alternativa, uma possiblidade para o desenvolver de sua gente. Que possamos estarmos abertos a ouvi-los, apoiá-los e aprender com seu modo de empreender.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo,Companhia das Letras, 2019.

ANTUNES, Ricardo. (2000) Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.2. ed. São Paulo: Bontempo.

BENTO, Karla Lúcia. *Povo Laklãnõ/Xokleng e/em processos de decolonização: leituras a partir da Escola Indígena de Educação Básica Vanhecu Patté–Aldeia Bugio/Terra Indígena Ibirama/SC.* Blumenau, 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau.

BUSARELLO F. R., HINKEL J. *A Cor Canela e a Cidade Loira: um estudo de caso sobre a identidade dos povos originários no contexto urbanizado de Blumenau*. Emancipação. v.16 n.2, p. 330-343, 2017.

Campos, Ricardo de; Gakran, Namblá. *O povo Laklanõ e os outros*. Canoinhas SC. Ed. Do Autor, 2021.

Casson, M. *The Entrepreneur: An economic theory. Cheltenham*. Edward Elgar Publishing Limited,2003.

CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. *Os Povos Indigenas na America Latina: avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus Direitos.* Santiago do Chile: Nações Unidas, 2015.

.

CRIRI, Voia. *Impactos da Colonização e da Barragem Norte Sobre a Espiritualidade do Povo Laklãnõ/Xokleng: Memórias do Ritual do Pétogdé*. Florianóplis, 2020. 20 f. TCC. Universidade Federal de Santa Catarina.

DAGNONI, Catia. Indígenas e não indígenas no Vale do Itajaí: encontros e desencontros. *In*: OLIVEIRA, Lilian Blanck; KREUZ, Martin; WARTHA, Rodrigo. (orgs). Educação, História e Cultura Indígena: desafios e perspectivas no Vale do Itajaí. Blumenau: Edifurb, 2014, p. 21 – 46.

_____. *O "outro" lado da Barragem Norte: Território, memória e/m resistência – Xokleng Laklãnõ*. Blumenau, 2018, 266 f.*Tese.* Universidade Regional de Blumenau (FURB).

DALMOLIN, Gilberto Francisco. *Colonialismo, política educacional e escola para povos indígenas*. Revista *Tellus*. Campo Grande. Ano 3, n.4, p. 11 – 25, abril 2003.

DANA, L,P, ANDERSON, R.B. *International handbook of research on indigenous entrepreneurship*. , Cheltenham, UK and Northampton, Massachusetts. Edward Elgar Publishing, 2007.

DICIO. *Emprender*. In: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: https://www.dicio.com.br/empreender/ Acesso em: 25/07/2024.

Dicionário Latim Português. *Termos e Expressões*. São Paulo. Edipro, 2 edição, 2018.

FARIAS, Cuzum Hélio.

FERNANDES, Ainá Sant'Anna. *Caminhando na trilha da Sapopema: prática, cultura e conhecimento entre os Laklãnõ/Xokleng*. Florianópolis, 2019,186 f. Dissertação, Universidade Federal de Santa Catarina.

Filion, L. J. *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios*. Revista de Administração, 34(2), 5-28,1999.

FONTOURA, Georgia Carneiro de. *Memória e/m resistência Laklãnõ/Xokleng : contribuições e desafios para um pensar-ser-fazer decolonial e intercultural no Vale do Itajaí. Blumenau,* 2021. 217 f. / TESE. Universidade Regional de Blumenau (FURB).

GERIUS. Renate. Economia e Bem Viver. In: MARKUS, Cledes; GIERUS, Renate (Orgs.). *O Bem Viver na Criação*. São Leopoldo,Oikos, 2013. p. 99-112.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. *Empreendedorismo*. Porto Alegre, Bookman, 2009.

JANSSEN, Frank. *Entreprendre: Une introduction à l'entrepreunariat.* Bélgica. De Boeck Supérieur, 2016.

LANDSTRÖN, H. *Pioneers in entrepreneurship and small business research*. New York: Springer Science, 2005.

MACAS, Luis. "El Sumak Kawsay". In: HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; GARCÍA, Alejandro Guillén; GUAZHA, Nancy Deleg. (Editores). *Sumak Kaesay Yuyay – Antología del Pensamiento Indigenista Ecuatoriano sobre Sumak Kawsay*. Huelva y Cuenca, FIUCUHU, 2014, p. 177-192.

MARTÍNEZ, Beatriz Elena Jiménez. Alternativas de organización para emprendedores indígenas: In: *Procesos de apropiación social del conocimiento a partir de su cosmovisión. Colombia.* Entretextos, v. 8, n. 23, 2016, p. 1-14.

NOVELO, Anel Flores; MONTIEL MÉNDEZ, Oscar Javier. Uma perspectiva empreendedora das civilizações mesoamericanas: implicações para a América Latina. In: *O Manual Esmeralda de Empreendedorismo na América Latina: Liberando um Potencial Milenar*. Oscar Montiel e Araceli Almaraz (orgs). Emerald Publishing Limited, 2022. p. 275-296.

SACHS, Ignacy. *Ecodesenvolvimento crescer sem destruir.* São Paulo, Vértice, 1986.

SANTA CATARINA. LEI COMPLEMENTAR Nº 860, DE 22 DE MAIO DE 2024. Altera a Lei Complementar nº 495. Para que a Região Metropolitana Vale do Itajaí seja denominada Região Metropolitana do Vale Europeu. Diário Oficial de Santa Catarina, Florianópolis,SC. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2024/860_2024_lei_complementar.html#:~:text=%E2%80%9CInstitui%20as%20Regi%C3%B5es%20Metropolitanas%20de%20Florian%C3%B3polis%2C%20do%20Vale%20Europeu%2C,Extremo%20Oeste%20e%20do%20Contestado. Acessado em Jun, 2024.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Índios e Brancos no Sul do Brasil: a Dramática Experiência dos Xokleng.* Florianópolis, Edeme,1973

_____.Encontros de estranhos além do "mar oceano". Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 7, n. 2), p. 431-448, 2003.

Vérin, H. *Entrepreneurs, entreprise : histoire d'une idée*, Paris, PUF,1982.

SEYFERTH, Giralda. *O colono múltiplo: transformações sociais e (re)significação da identidade camponesa.* Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas. , v. 31, n. 1, p. 10-24, 2011.

WARTHA, Rodrigo. *Processo de colonização no Vale do Itajaí: elementos na/para construção do território e identidades*. Blumenau, 2018, 123f.Dissertação. Universidade Regional de Blumenau.

WITTMANN, L.T. *O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926).* Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2007.